

FLORES DE VIDRO

(SALOMÃO)

Gen: Conto

Esta é a história de Marta:

Eu vi Marta morta!

A madrugada se apossara da noite há duas horas.

Abri a porta, dei passos lassos, olhei dentro.

Vi nada. Mas, lá fora, eu vi. Eu vi Marta... morta!

O que importa que ela parta, se quiser que volte...

Mas ela estava farta. Eu vi Marta morta, eu vi!

A faca cortou fundo, cortou a carne para bife.

Ela estalava ovos e pensava um dedo machucado, quando a ideia quase arrastada, inseminou a mente. Olhava, sofrendo, para o fundo do quintal. Havia uma laje de paralelepípedos de um lado e um monte de garrafas, litros, garrafões e fluorescentes velhas do outro... Ela descascava uma cebola grande, destas suculentas periformes, quando um impulso forçou-a a quebrar alguma coisa. Partiu pra cima dos vidros. Estilhaçar vidros sobre as pedras passou a ser o seu nome. Babava de prazer. Lançava com ódio um garrafão vazio e ele espatifava no muro musguento, caqueando sobre os "paralipipes". Quebrou grande parte do vidraredo e já suave a cântaros. Raiara uma nova estação, chegara uma primavera diferente. Nasciam estranhas flores, Flores de Vidro! O chão era um mar de pétalas cortantes, quando ela sentiu o cheiro de carne queimada. Largou a fluorescente no capim e correu a salvar o que podia. A chaleira estava vazia, como de costume, sentiu ímpetos de jogá-la na parede. Aguentou. Contou até dez, muitas vezes, enquanto abria a torneira e punha água na bandida. Meia chaleira depois, colocava a água da salvação sobre a costela gorda que reclamava em chios, virando carvão. Amassava dentes de alho, quando gritou alto e profundo. Jogou longe a faca de cozinha, que cravou na porta do banheiro e ficou vibrando como coisa ruim. Não atinava o porquê, mas sentia ódio, um ódio muito grande... Os tomates... tinha que tirar a pele e picá-los para o molho, mas... correu para o pátio, passou a mão em alguns litros, encheu-os com água e sapecou-os no cemitério vitral. Estouraram secamente e se acamaram no chão brilhando gumes. Quebrou, lascou e arreventou. Acabou com o estoque de vidros, vidrinhos e vidrões. O chão estava vidrado e ela também. Aquele tapete "mágico" exercia um fascínio estranho, a atração pelo abismo. A danada tirou os chinelinhos Havaiana, o avental Ana Maria, o vestido de chita, o sutiã Duloren e a calcinha "Only you" (ganha no aniversário de casamento), subiu no muro e lá de cima, jogou-se de corpo e alma sobre os gumes ferozes. Foi um estrago brutal. Muitos estiletes fizeram morada no seu corpo, gargalos inteiros penetraram suas coxas. Cacos e frações de vidro, nos seios... os mais lindos que já vi. Com um pedaço de vida, ela ainda teve tino de rolar por sobre aquilo... E foi aí que um fundo de garrafa secou o pescoço amado... Eu vi, Marta morta, em meio a um mar de sangue. E ela sorria, nua, em meio às flores de vidro, apascentada.